

PRECONCEITO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR: COMO VENCER ESSA “HERANÇA” COLONIZADORA?

Ana Luísa Costa Caravana

Evlyn Gonçalves de Sousa

Kamila Moreira dos Santos Araújo

Raquel Vittórya Queiroz Coelho

Vinícius Augusto de Souza Ferreira

Orientador^{1:} Vânia Cristina da Silva

Coorientador: Deividson de Deus Silva

Escola Estadual Maria Eliza Bocayúva Corrêa da Costa – Campo Grande-MS

E-mails: anacostacaravana@gmail.com, goncalvesevlyn@gmail.com, nsei60129@gmail.com, uniterc174@gmail.com,
vs087025@gmail.com, vaniac_historia@hotmail.com,
deividson2324@gmail.com

Área/Subárea: CHSAL - Ciências Humanas; Sociais Aplicadas e Linguística e Artes

Tipo de Pesquisa: Científica

Palavras-chave: Preconceito racial. Ambiente escolar. Aprendizagem. Ensino de História. Respeito.

Introdução

O Brasil viveu séculos de um processo colonizador que foi muito cruel e deixou marcas terríveis em nossa sociedade. A escravidão foi a pior delas e se estabeleceu no Brasil por volta da década de 1530. Inicialmente, as investidas dos portugueses tiveram como direção os nativos que aqui viviam, mas entre os séculos XVI e XVII, foi sendo gradativamente substituída pela mão de obra dos povos africanos que foram escravizados ao aportarem no Brasil.

Conforme dados apresentados pela pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz (2021), foram 12 milhões de africanos e africanas que saíram do seu continente; 10 milhões chegaram às Américas e 4,8 milhões vieram para o Brasil. Vale mencionar que o país foi o último a acabar com a escravidão mercantil, o que nos faz perceber como nossa história foi marcada pela presença negra e como todas essas pessoas, que resistiram por anos a todo esse processo de escravização, sempre fizeram parte da construção da sociedade brasileira, embora tenham empreendido variadas formas de tentar silenciá-los.

A herança desse processo colonizador foi uma sociedade que se formou tendo como base a ideia de raças que se sobressaem às outras. Isso porque, após o período do escravismo, entre 1890 e 1920, a elite brasileira se debateu com uma “[...] angústia quanto às origens genéticas mestiças de nosso povo e de sua capacidade de servir de base para o tão sonhado desenvolvimento econômico, político e cultural (SCHWARCZ, 2007, n.p.). Surgiram, então, as teorias de branqueamento, quando pesquisadores da época buscavam teses que pudesse branquear a população.

O resultado de todo esse desmando tem reflexos visíveis atualmente, com um país com altos índices de práticas

racistas, isso em diferentes ambientes. Feitas essas considerações, apresentamos nosso objetivo geral: Identificar práticas racistas no cotidiano da Escola Estadual Maria Eliza Bocayuva Corrêa da Costa e os impactos negativos desse preconceito para a aprendizagem dos estudantes, bem como promover ações que sejam eficazes à superação desse problema. À luz desse objetivo, lançamos alguns questionamentos: Por que o ambiente escolar, lugar de formação dos estudantes, ainda lida com a prática do racismo? Como as vítimas do racismo podem ter sua aprendizagem comprometida? Quais atividades têm sido desenvolvidas na escola para a superação desse tipo de comportamento?

Metodologia

No primeiro momento, nossa pesquisa foi bibliográfica, a fim de entender mais sobre o tema, para posteriormente identificar práticas racistas no cotidiano da Escola Estadual Maria Eliza Bocayuva Corrêa da Costa e os impactos negativos desse preconceito para a aprendizagem dos estudantes. Assim, os debates realizados por pesquisadores que trabalham essas questões, tais como: Gonçalves (2000); Schwarcz (2007; 2021); Ribeiro (2019), dentre outros, foram essenciais ao desenvolvimento do nosso trabalho até aqui.

No segundo momento, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, o objetivo é aplicar questionários aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, a fim de compreendermos se já foram expostos a atitudes racistas na escola e de que forma isso afetou a sua aprendizagem. Por fim, a partir dos dados coletados, pretendemos promover ações (roda de conversas; cartazes; materiais impressos e virtuais) que esclareçam os males do preconceito e como ele

afeta a aprendizagem dos jovens que são vítimas desse mal, para que assim, possamos discutir a problemática sobre racismo e seus impactos no espaço escolar, averiguando quais tipos de práticas discriminatórias vem sendo praticadas pelos estudantes da Escola Estadual Maria Eliza Bocayuva Corrêa e, ainda, promovendo a conscientização dos estudantes sobre os malefícios das práticas racistas.

Resultados e Análise

Em se tratando de um projeto, ainda não temos resultados alcançados, pois ainda estamos no início de um trabalho que será concluído posteriormente. De antemão, os dados iniciais apontam que o ambiente escolar em questão não está isento de práticas racistas, inclusive, com comportamentos que muitos estudantes trazem de suas vivências fora da escola e replicam no espaço escolar contra colegas que, não raras vezes, aceitam o preconceito como se fosse “uma brincadeira”. Tem se tornado comum essa forma de justificativa, como uma resposta quando são cobrados por chamarem colegas por “apelidos” ofensivos e que demonstram claramente o racismo. Partindo dessa realidade, torna-se relevante destacar que a Escola Estadual Maria Eliza Bocayuva Corrêa da Costa, através de um trabalho dedicado do corpo diretivo, coordenação e corpo docente, vem desenvolvendo atividades que visam esclarecer essas questões junto aos estudantes.

Conforme consta na Lei Nº 11.645, os nossos professores nos explicaram (durante conversas sobre o tema), que são orientados a trabalharem em suas respectivas aulas os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros. Essas temáticas estão presentes em todas as disciplinas, inclusive porque, em diferentes momentos do ano letivo são desenvolvidos projetos cujos eixos estão relacionados com os previstos na referida lei. Na Semana Literária, por exemplo, ocorrida no primeiro semestre, docentes e discentes se envolveram em diferentes trabalhos que abordaram essas questões. E, no segundo semestre, é colocado em prática o Projeto África em Foco, cujas atividades não são isoladas e executadas somente no mês de novembro e no Dia da Consciência Negra, mas divididos em diferentes momentos, de forma que os estudantes tenham contato com esse debate como parte do currículo e do cotidiano escolar e não somente no dia 20 de novembro.

Será na culminância do Projeto África em Foco, no mês de novembro, que iremos apresentar os dados finais desta pesquisa e intensificar as ações que visam o enfrentamento do preconceito racial em nosso ambiente escolar.

Considerações Finais

Esperamos, com a finalização deste trabalho, poder perceber que a Escola Estadual Maria Eliza Bocayuva Corrêa da

Costa vem caminhando para se tornar um espaço educacional livre de práticas racistas. E essa deve ser uma luta empreendida não apenas pelas pessoas negras, do contrário, é preciso que seja uma luta coletiva. Como afirmam as ativistas e teóricas negras, Angela Davis e Djamila Ribeiro, não basta você dizer que não é racista, é preciso ser antirracista.

Por isso, nos reunimos neste grupo diverso para o desenvolvimento deste projeto, mas com interesses em comum: a luta contra o racismo!

Agradecimentos

Queremos aqui agradecer a toda a equipe gestora da EE Maria Eliza B. C. C, que deu todo o suporte possível para que fosse dado andamento a essa pesquisa. Agradecemos, também, à nossa professora e orientadora, Vânia Cristina da Silva, que nos apresentou o tema, motivou e incentivou nesta jornada. Agradecemos, ainda, ao nosso coorientador, Deividson Silva, que sempre esteve disposto a nos ajudar com nossas dificuldades gerais. Por fim, a todos que, de alguma forma, colaboraram para que chegássemos até aqui. Obrigada, organizadores da FeciNTEC, por essa oportunidade tão valiosa aos jovens estudantes como nós.

Referências

- BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.**
Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 15 jun. 2023.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica.**
Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GONÇALVES, Luís Alberto de Oliveira. Negros e educação no Brasil.** In: LOPES, Eliana Lima Teixeira (Org.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: 2000, Ed. Autêntica. p. 335 a 346.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <http://www.stiueg.org.br/Documentos/7/582.pdf> Acesso em: 09 de jun. 2023.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. É necessário que não naturalizemos os golpes cotidianos.** 2021. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/09/09/lilia-schwarz-brasil-racista/> Acesso em: 10 de jun. 2023.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quase pretos, quase brancos.**
PESQUISA FAPESP. Abril de 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2007/04/10-15-schwarz-134.pdf> Acesso em: 10 de jun. 2023.